

Marcelo Rubens Paiva finaliza nova obra: 'O Novo Agora'

PÁGINA 3



Doc com o Papa Francisco em alta no streaming

PÁGINA 5



A parceria musical que nasceu graças a uma gafe

PÁGINA 7



2º CADERNO

IEL/Divulgação

Celeiro de autores literários, a Estação das Letras chega aos 30 anos de alma renovada

Por **Olga de Mello**
Especial para o Correio da Manhã

A imagem do escritor abnegado, que vive de inspiração e brisa, está cada vez mais distante da realidade. A profissionalização do escritor no mercado editorial brasileiro, ainda incipiente diante da população idealizada de leitores, se traduz em festivais literários no país inteiro e na proliferação de cursos de escrita criativa com ênfase na qualificação da produção de literatura.

À frente do Instituto Estação das Letras (IEL) há trinta anos, Suzana Vargas, poeta, professora de literatura e uma das principais referências em formação de leitores no Brasil, apostou no interesse dos escritores em aperfeiçoamento técnico.

A Estação das Letras é "bisneta" direta da Olac, a oficina que o historiador Afrânio Coutinho promoveu entre 1979 e 1992, onde Suzana deu aulas de criação poética. Quando a Olac encerrou as atividades, Suzana foi chamada para continuar seus cursos na casa de alunos, mas não gostava



'Precisamos de cesta básica para a leitura'

Professora e produtora cultural, Suzana Vargas fez do Instituto Estação das Letras um centro de pesquisa e de formação da prosa e da poesia

da "informalidade exagerada", que tornava os encontros mais festivos do que educativos. Continuava como professora de literatura em universidades, editava a Revista Poesia Sempre da Fundação Bi-

blioteca Nacional e estava iniciando o projeto Rodas de Leitura no Centro Cultural do Banco do Brasil/RJ. Chamou amigos escritores como Victor Giudice, Flavio Moreira da Costa e Esdras do Nasci-

mento para criarem doze oficinas literárias numa sala alugada no Largo do Machado, mobiliada com seus próprios móveis e doações, em sistema de cooperativa. Surgiu então a Estação das Letras,

oficinas de leitura & escrita, que 21 anos depois se tornava um Instituto, reunindo, em três décadas cerca de 3 mil cursos e oficinas e 2 mil alunos.

Continua na página seguinte

ENTREVISTA / SUZANA VARGAS, POETA, ESCRITORA, PROFESSORA E PRODUTORA CULTURAL

'Quero apresentar a leitura sempre como um atividade de lazer'

IEL/Divulgação



Sinal dos tempos, hoje o IEL promove cursos on-line, o que permite sua expansão para além das fronteiras do Rio de Janeiro. Em 2020, a pandemia levou ao fechamento da sede no bairro carioca do Flamengo, com a doação de móveis, computadores e livros a uma escola pública vizinha. “Esse desmanchar teve um alto custo emocional, porém resolvemos cumprir a agenda de cursos, oficinas e eventos de modo virtual. Sem dinheiro ou capital de giro é muito difícil manter o espaço, mesmo virtual, mas estamos ali, na arena”, conta Suzana, que conversou com o Correio da Manhã sobre a evolução da formação do escritor e do mercado editorial no Brasil, enquanto aponta a necessidade de uma “cesta básica para a leitura”, com distribuição de livros a quem têm dificuldade financeira para adquiri-los.

Por que foi importante transformar a Estação em Instituto?

Suzana Vargas – A agora quase avó das oficinas, surgiu como um espaço onde o fazer literário em todas as latitudes se multiplicava e de modo alternativo, sem apoios financeiros ou institucionais. Foi como se nos jogássemos no vácuo sem rede de proteção. Em 2016, as tantas dificuldades de sobrevivência chegaram ao auge e, através de um instituto, como toda ONG, estaríamos aptos a receber algum tipo de ajuda governamental ou empresarial, doações e vários tipos de apoio. Inauguramos o Instituto na nossa festa de 21 anos em 2017, mas pouca coisa mudou ou aconteceu nesse tempo.

Com a pandemia, a adaptação para cursos on-line veio para ficar. Como foi o impacto de optar pelas aulas à distância?

A pandemia chegou em março de 2020, justamente quando completávamos 25 anos sem ter nenhuma programação virtual, nada. Fomos obrigados a suspender as aulas presenciais e a nos reinventarmos no espaço da Internet. Foi duríssimo pois a Estação e o Instituto vivem até hoje sem qualquer subvenção. No fim daquele ano, tive que fechar o espaço

físico. Passamos a cumprir a mesma agenda de cursos, oficinas e eventos de modo virtual. Com muita tristeza, precisei me desfazer fisicamente dessa história tão bonita que carregamos. Os antigos alunos clamam pela volta ao espaço físico. A vantagem dos cursos on-line é que hoje temos alunos do Brasil inteiro e do mundo todo.

Quais foram as contribuições do IEL para o escritor brasileiro?

Acho que ajudamos a profissionalizar o setor. Durante todos esses anos, tivemos apoio e presença aqui, em debates, oficinas e cursos, de grandes nomes de nossa literatura, como José J. Veiga, Antônio Torres, Cleonice Berardinelli, Marco Lucchesi, Ana Maria Machado, Elisa Lucinda, Ferreira Gullar, Sérgio Sant’Anna, Antônio Carlos Secchin, Ivan Junqueira, Marina Colasanti, Affonso Romano de Sant’Anna, Antônio Cícero, Luiz Ruffato, José Castello, Luiz Antônio de Assis

Brasil. Oferecemos os primeiros cursos de Formação para Livreiros, Abrindo Livrarias, Copidesque & Revisão, Editoração, Mercado Editorial para novos autores. Nada disso existia. Criamos, em 1996, o primeiro serviço oficial de Análise de Originais, com avaliação de obras inéditas por grandes nomes da literatura nacional. A Estação das Letras talvez tenha sido um dos primeiros espaços a remunerar condignamente os escritores e professores de literatura, que, na década de 1980, ganhavam flores e chocolates por participarem de seminários e encontros.

Hoje, o livro disputa espaço como “entretenimento” com os celulares e a leitura rápida. O livro e a leitura sobreviverão, ainda que em outros formatos?

O país tem a quantidade de leitores possível, se pensarmos que os alunos da rede pública não têm condições de comprar livros. Inventei o projeto Rodas de Leitura para fazer

a literatura e a leitura transporem os muros acadêmicos, passarem a ser parte do cotidiano das pessoas. Queria e quero apresentar a leitura sempre como um atividade de lazer, como um cinema, um concerto, uma peça de teatro. No entanto, se a escola não se renovar, se não aproximar a leitura do aluno através das inúmeras virtualidades, nada vai acontecer. A formação dos professores nessa área deixa a desejar. Muitos não são leitores. Como podem despertar nas crianças e adolescentes o gosto pela leitura? Precisamos de uma escola mais inclusiva, de turno integral, enriquecida por livros e por arte. Estamos vivendo um momento de grande conscientização a respeito da nossa realidade leitora e da cultura de nosso país. Precisamos de professores leitores mais bem remunerados, de um currículo que privilegie a leitura e as bibliotecas, mas também de livros mais acessíveis ou de distribuição mais direta. Precisamos de uma cesta básica para a leitura e de usar mais inteligentemente os meios de comunicação, as mídias, nesse setor.

Como serão as comemorações desses 30 anos?

Estamos incrementando a programação mensal gratuita (Janelas Literárias, Concerto de Poesia e Sextas com Letras). Haverá um curso gratuito por mês, bolsas de 50% para professores e estudantes de letras. Vamos retomar também o programa de Formação Literária para escritores. Em setembro, teremos o Viver de Escrever, dois dias de encontros com escritores, workshops de criação literária, orientação editorial, leituras dramatizadas de textos, feira e lançamento de livros dos nossos alunos que já estão no mercado editorial. E uma festa com dança e tudo.

Qual é sua maior satisfação ao longo dessas três décadas?

Ter acreditado no sonho de criar um espaço democrático para o exercício da literatura em muitas direções, de dar visibilidade a grandes profissionais que vêm alimentar nosso trabalho com honestidade, generosidade e sensibilidade. Foi ter formado e dado vez e voz a grandes talentos da literatura contemporânea, tudo isso expresso na quantidade e qualidade dos prêmios que nossos alunos ganham Brasil afora. E ter criado, além de uma legião de leitores, um espaço que se tornou um polo irradiador do fazer literário. Por fim, a satisfação em ver nosso modelo replicado em tantas iniciativas hoje. Como costume dizer, num país com tantas precariedades no setor cultural e leitor, quanto mais estrelas o céu possuir, mais bonito ele fica!

O momento em que o filho se torna pai

Fiorenzo De Luca/Divulgação

Marcelo Rubens Paiva dedica novo livro aos filhos após o boom de 'Ainda Estou Aqui'

Por **Walter Porto** (Folhapress)

Foi na Flip de 11 anos atrás que Marcelo Rubens Paiva ouviu pela primeira vez em público uma gravação da voz de seu pai, o ex-deputado Rubens Paiva, feita exatamente no dia do golpe de 1964, conclamando a população a resistir aos militares.

Logo depois, foi a primeira vez também que narrou trechos ainda crus de seu "Ainda Estou Aqui", sobre o calvário que engoliu sua família com o desaparecimento do pai. Fez isso em meio "a um maremoto de emoções", segundo seu relato, e interrompeu a leitura duas vezes, com rosto molhado e garganta travada de lágrimas.

Naquela mesmíssima edição da Festa Literária Internacional de Paraty, a atriz Fernanda Montenegro circulava pela cidade pedregosa para prestigiar a participação de sua filha, Fernanda Torres, como autora convidada. O resto é história de cinema.

A lembrança aparece no livro que Paiva lança nesta semana, "O Novo Agora", que cobre os mais recentes acontecimentos na vida do autor - do momento em 2014 no qual se sentia um artista quase obsoleto, à beira da aposentadoria, até a volta aos holofotes que o encaminhou a um novo ápice.

Durante esta entrevista em sua casa em São Paulo, o escritor de 65 anos brinca que o frio na barriga às vésperas de "O Novo Agora" está parecendo o de um autor prestes a publicar seu segundo livro - ele já tem 17.

Mas faz sentido, porque "Ainda Estou Aqui" deu um salto estrondoso com a estreia de sua adaptação em filme, que renderia o primeiro Oscar do Brasil.

O livro passou a vender 50 vezes mais após a exibição do longa de Walter Salles no



Marcelo Rubens Paiva no Festival de Veneza, onde a adaptação cinematográfica de 'Ainda Estou Aqui' foi premiada pela primeira vez

Festival de Veneza, segundo o grupo Companhia das Letras, e ultrapassou em janeiro a marca de 100 mil exemplares.

"É uma surpresa, né? Eu estar na Europa sendo traduzido, dando palestra na Sorbonne, sendo chamado para um monte de feira literária, tendo que dizer não a convites", diz o autor em seu escritório, mostrando ao repórter sua recém-inaugurada agenda do Google, uma obrigação burocrática a que teve que ceder diante de tantos compromissos.

"É surpreendente ver que minha literatura tem alguma substância que está comovendo até fora do Brasil. Meus livros ficaram na lista dos mais vendidos décadas depois de publicados, isso não é praxe no mercado."

A obra sobre Eunice Paiva virou febre na Itália, por exemplo, e será editada no ano que vem nos Estados Unidos e Reino Unido pela Charco Press. "O Novo Agora", antes mesmo de sair por aqui, já tem contrato para ter uma edição portuguesa pela Dom Quixote.

"As pessoas gostam do estilo pouco or-

todoxo da minha literatura. Esse livro novo também foge da narrativa linear, vai da maternidade ao Baixo Augusta."

O próprio autor vinha duvidando de sua "literatura de digressões", mas sempre teve incentivos na hora certa. Se o editor Caio Graco convenceu Paiva de que dentro dele havia "Feliz Ano Velho", dessa vez o empurrão foi de Luiz Schwarcz, fundador da Companhia das Letras.

"Eu falei a mesma coisa que disse ao Graco: que interesse tem nisso?", afirma Paiva. "Na época foi:, quem vai querer ler a história de um garoto que fica parapléxico aos 20 anos? Agora foi: quem vai se interessar por um cara de cadeira de rodas criando dois filhos?"

Isso porque "O Novo Agora" é sobre muita coisa, mas é acima de tudo sobre a experiência da paternidade, prenhe do deslumbramento de quem, já com quase 60 anos, deixa a vida se reinventar pelo olhar astuto de dois meninos que chama, durante o livro inteiro, de Moreno e Loirinho.

"O pai cadeirante os obrigou a um comportamento diferente, assim como um pai morto me obrigou: a crescermos mesmo enquanto somos crianças", escreve ele, em uma síntese eficiente.

É a primeira autobiografia em que Marcelo deixa a posição de filho - e não é por acaso que contenha o relato da morte de Eunice Paiva - para assumir a de pai.

Entre mil causos e anedotas, um dos prazeres de "O Novo Agora" é procurar essas rimas geracionais. Durante uma manifestação solene em razão dos 60 anos do golpe, o menino mais novo de Marcelo, aos sete anos, escreve com giz no asfalto da rua: "Onde está meu vovô, assinado Moreno".

São traços de uma vida pessoal inextricável da política, querendo seus membros ou não. O livro é contaminado pelo incômodo de Paiva com comentários odiosos que são dirigidos a ele ao vivo e na internet, não raro com termos violentos sobre sua tetraplegia.

"O Brasil vai demorar para se recuperar desse período em que a violência foi para as ruas e para as redes sociais, em que a polarização atingiu um grau de insanidade, de indecência. Quando você se torna pai, tudo o que quer é um mundo com amor, estabilidade, com a ideia de um futuro progressista."

O livro sobrevoa obstáculos sérios da última década - o divórcio, a pandemia, a sensação de caça às bruxas com seus projetos sendo cancelados durante o governo Jair Bolsonaro -, mas Paiva termina o arco com otimismo. Afinal, o presente é de pujança, entre os shows de sua banda Lost in Translation e a divulgação de seus livros.

Ainda que tenha assegurado presença na Feira do Livro, em São Paulo, ele teve que recusar convites para retornar à Flip em duas casas da programação paralela. Vale, então, se deter um pouco mais na última visita de Paiva ao festival, lá em 2014.

Numa das vezes em que interrompeu o relato sobre seus pais, tomado pela emoção, Marcelo lia uma cena que se tornaria das mais emblemáticas de "Ainda Estou Aqui". "Minha mãe deu o tom: a família Rubens Paiva não chora em frente às câmeras, não faz cara de coitada, não se faz de vítima. A família Rubens Paiva..."

Aí ele se cala. Respira, bebe água, seca os olhos. "Eu fui pai agora. Meu menino tem cinco meses e meio", diz, finalmente, com a boca tremendo. "Eu estou vendo tudo isso com outros olhos."



Celebrado pelo poster duplo do Festival de Cannes, cult de Claude Lelouch ganha holofotes, ao completar 60 anos, e amplia a fama de seu realizador

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

A cada ano, desde sua fundação, em 1939, o Festival de Cannes eterniza não só as tendências estéticas do audiovisual, endossadas com sua Palma de Ouro, mas também a cultura gráfica do cartazismo, com pôsteres que marcaram época. Muitos se reportam a filmes (tipo “Pierrot Le Fou”, “Kagemusha”, “Amor À Flor Da Pele”), outros celebram entidades (Fellini, Paul Newman). Este ano, pela primeira vez em sua história, o evento francês, que vai de 13 a 24 de maio conta com um poster duplo, a celebrar o feminino e o masculino, a partir de uma mesma sequência de abraço – e que sequência! –, de um sucesso europeu. Tal sucesso é um pilar do romantismo na França, que vendeu 4.269.209 ingressos só em seu país de origem, em sua estreia, em 1966: “Um Homem, Uma Mulher” (“Un Homme et une Femme”).

O fenômeno de bilheteria de Claude Lelouch, coroado com um par de Oscars (Melhor Filme Estrangeiro e Melhor Roteiro), serve de molde à imagem síntese (uma imagem em dobro, no caso) da maratona cinéfila cannoise de 2025. Essa escolha joga novos holofotes

Um homem, uma mulher, um filme



Visto por 4,2 milhões de pagantes na França, ‘Um Homem, Uma Mulher’ ganhou a Palma de Ouro e dois Oscars

O cartaz da edição 2025 do Festival de Cannes celebra a obra-prima de Claude Lelouch sob dois ângulos diferentes para a mesma cena de ‘Um Homem, Uma Mulher’



sobre o longa idealizado há 60 anos, e sobre a obra de seu realizador que hoje, aos 87 anos, tem um novo projeto em gestação.

“Sou da geração da película em 35mm, que curtiu toda a riqueza sensorial dos negativos, mas é preciso seguir adiante, perceber que o mundo anda e que um celular também oferece uma paleta de cores rica para quem é cineasta. Fiz filmes em iPhone e não tive problemas, pois o que conta é ter uma boa história. O hiato entre presente e passado me instiga. A percepção

de que, com a avanço da idade, o fim me acena, torna esse hiato muitíssimo mais interessante”, disse Lelouch ao Correio durante o Rendez-vous Avec Le Cinéma Français.

Em 2024, o cineasta lançou “Finalement”, com Kad Merad, com a ideia de encerrar ali sua prolífica carreira, iniciada em 1957. A boa acolhida ao que deveria ser seu canto de cisne hoje inspira uma sequência, “Finalement, Ça Ne Finira Jamais”, já em produção. Vale lembrar que o diretor conta com o xodó dos exibidores do Velho

Mundo por seu histórico de êxitos, com destaque para a indicação ao Globo de Ouro que recebeu em 1996 por “Os Miseráveis”, uma versão singular da prosa de Victor Hugo (1802-1885) com Jean-Paul Belmondo (1933-2021). Fora isso, em 2019, Cannes abriu suas telas para que ele exibisse por lá “Os Melhores Anos de Uma Vida”, continuação tardia (e outonal) de “Um Homem, Uma Mulher”.

Além de oscarizado, o original, que vai decorar as paredes do Palais des Festivals na Croisette em maio,

ganhou a Palma dourada de 1966 e o Prêmio do Júri Ecumênico. Eram tempos de Nouvelle Vague, o movimento que renovou o cinema da França (e do planeta) nos anos 1960, com Jean-Luc Godard, François Truffaut, Agnès Varda e Eric Rohmer aplicando reflexão semiótica, teses políticas e ardor de cinefilia aos discursos fílmicos. Lelouch preferiu ir por um caminho oposto e festejar o benquerer de forma rasgada. Apoiou-se numa trilha sonora de Francis Lai, com menções a Pierre Barouh, Baden Powell e Vinicius de Moraes, que embalou gerações ao som da melodia “chabadabada”. Em cena, seguimos o idílio entre dois viúvos que se esbarram por ação do acaso e se apaixonam: a roteirista Anne Gauthier e o piloto de corridas Jean-Louis Duroc, vividos por um par de titãs, Anouk Aimée (1932-2024) e Jean-Louis Trintignant (1930-2022).

Há onze anos, Cannes comemorou o cinquentenário desse clássico em sua seção retrospectiva e, na mesma ocasião, o festival Varilux, projetou a fita no Rio, em São Paulo e mais uma leva de cidades. Na época, Lelouch contou rodou o filme ao custo de 470 mil francos, uma ninharia para sua época.

“Vinha de dois fracassos, sem a menor perspectivas, até que peguei o carro e saí em disparada pela França, até chegar a uma praia, onde, no desespero, na angústia, adormeci. Acordei com um nascer do sol bellissimo, vendo uma mulher passeando na areia com seu cão. Ali veio a ideia de uma paixão idílica e nasceu o longa que mudou minha vida”, disse Lelouch.

“Em ‘Um Homem, Uma Mulher’, em meados da década de 1960, quando Anouk Aimée envia um telegrama a Jean-Louis Trintignant, durante o Rally de Monte Carlo, brota-se uma sensação mágica de espera, de surpresa, algo impensável no cinema de hoje, quando as narrativas são elípticas por pressa e não por estilo. Não gosto de reclamar do esgotamento da arte cinematográfica, apesar de ele, por vezes, se fazer notar. Creio que as tecnologias digitais deram ao cinema uma sobrevida”.

Les Films/Divulgação

Divulgação

Papa Francisco sob as bênçãos de Wim Wenders

Documentário do cineasta alemão sobre o líder religioso que acaba de partir ganha destaque na grade do YouTube

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Desde a manhã do 21 de abril, o mundo chora a morte do argentino Jorge Mario Bergoglio, o Papa Francisco, o que amplia o interesse da mídia por incursões cinematográfica a seu legado. É o caso de “2 Papas” (2015), de Fernando Meirelles (na Netflix) e “Chiamatemi Francesco - Il Papa della gente” (2025), de Danielle Luchetti, com Rodrigo de la Serna. Até o alagoano Cacá Diegues (1940-2025) fez um filme sobre ele, “Rio de Fé”, em 2013, em meio à visita do líder religioso ao Brasil, cercado de peregrinos.

Mas a narrativa fílmica mais badalada acerca do pontífice que acaba de nos deixar, contudo, é um longa documental do artesão autoral alemão Wim Wenders, lançado no Festival de Cannes de 2018: “Papa Francisco - Um Homem de Palavra” (2018). Embora nunca lançada em circuito no Brasil, a fita acaba de entrar para aluguel ou compra no YouTube, e dispara na atenção de internautas.



O cultuado realizador alemão Wim Wenders entrevista o Papa Francisco em seu documentário sobre fé lançado em 2018 e hoje disponível no YouTube

Cada vez mais ativo nas artes visuais, como fotógrafo, Wenders renovou sua popularidade ao ser indicado ao Oscar por “Dias Perfeitos” (2023), hoje na MUBI. Ele foi um pilar para a ficção nos anos 1980, quando seu “Paris, Texas” (1984) conquistou a Palma de Ouro de Cannes e se consolidou como um sopro de renovação para as divagações existencialistas na dramaturgia ocidental.

Poucos realizadores refletiram – e ainda refletem – sobre a dimensão plástica da imagem, na tela grande, como ele, que, nas últimas duas décadas notabilizou-se

mais na seara do documentário, com sucessos como “Buena Vista Social Club” (1999), “Pina” (2011) e “O Sal da Terra” (2014), codirigido por Juliano Salgado, tendo por base o trabalho do fotógrafo mineiro Sebastião Salgado.

Já às voltas com um novo projeto, Wenders continua a mobilizar olhares, na latitude da streamingsfera. Tanto é que o YouTube abriu espaço para “Papa Francisco - Um Homem de Palavra” em sua grade. A produção dribla todas as possíveis ciladas religiosas e faz uma reflexão pautada em um único credo: a fé na solidariedade.

Longe de ser uma propaganda cristã, o longa, com o selo da Universal Pictures, aposta na dialética, tirando o pontífice de qualquer zona de conforto, falando sobre casos de pedofilia entre padres, machismo, homoafetividade e a situação dos refugiados políticos.

“Eu venho de uma geração que foi salva pelo rock’n’roll e, de certa medida, em sua postura de amorosa transgressão, o Papa Francisco é um rockstar, que combate a intolerância ao nosso redor”, disse Wenders na Croisette, antes de seu filme ser projetado.

Naquele momento, circulava

pela Europa uma cópia remasterizada de seu “Asas do Desejo”, que deu a ele o prêmio de melhor direção em Cannes, em 1987. “É uma muito tênue a fronteira sensível entre documentário e ficção. Na dramaturgia que temos hoje, o Real nos surpreende e nos atropela”, disse o cineasta ao Correio da Manhã, em uma passagem pelo Festival de San Sebastián, na Espanha, quando começou a moldar o longa sobre o Sumo Pontífice.

“É rico quando a ficção se deixa atropelar pela realidade, amalgamando fato e fabulação. Sem se atentar ao real, tudo cai na fantasia, na fábula... E a realidade é o pilar de que eu preciso agora, diante do cinismo deste mundo que nos cerca e que desaprendeu a prestar atenção no próximo. Há documentários que vão na direção oposta. Alguns são muito ficcionais. Se você olhar com atenção para o meu ‘Buena Vista Social Club’, vai encontrar quase um musical fabular ali, no seu recorte para um mundo mágico da melodia. Mas tem gente de verdade ali”.

Estruturado a partir de uma mistura de entrevistas e imagens de arquivo, “Papa Francisco: Um Homem de Palavra” foi definido por Wenders como um exercício de geopolítica. “É um absurdo que, com tanta riqueza que temos no mundo, ainda haja crianças com fome”, critica o Papa no filme, que usa recursos de ficção com referências ao expressionismo alemão para recriar a história de São Francisco de Assis, um dos pilares do Bem entre os católicos.

“O amor sempre teve um lugar filosófico na arte, por sua dimensão metafísica, mas ele agora ganha uma nova transcendência revolucionária nestes tempos de terror, de crise e de falência moral”, disse Wenders. “O cinema fez história com filmes de amor, mas eles se tornaram artigo raro em meio à fauna de filmes de digestão rápida de hoje. O amor não é fácil de ser digerido, pois ele exige doação, cumplicidade. Eu escolhi falar dele porque a moeda de troca do Presente é o ódio. Eu quero sair desse lugar...”, diz Wenders. “A medida do ódio é a desigualdade social”.

Divulgação

Por Pedro Sobreiro

Criados há quase um século, os Looney Tunes são um fenômeno poderoso que transcende gerações. Quem não conhece Pernalonga, Patolino, Gaguinho, Frajola, Piu-Piu e tantos outros ícones que fazem a alegria de crianças e adultos há tantos anos na TVs e nos streamings?

Diante dessa constatação, chega a ser estranho perceber que a turminha lunática da Warner Bros. nunca tenha ganhado um filme 100% animado nos cinemas. Pois é, apesar do sucesso de aventuras como 'Space Jam: O Jogo do Século' (1996), 'Looney Tunes: De Volta à Ação' (2003) e 'Space Jam: Um Novo Legado' (2021), todos esses filmes foram feitos mesclando atores reais com personagens animados, o que acabou virando uma marca da franquia nas telonas. Porém, um longa completamente animado para os cinemas nunca foi feito com esses personagens... Até agora.

Isso porque 'Looney Tunes - O Filme: O Dia Que A Terra Explodiu' chega aos cinemas brasileiros nesta quinta-feira (24) para contar a história de origem de Patolino e Gaguinho, dois bebês que acabam sendo adotados por um fazendeiro. O rapaz ensina a eles que as coisas mais importantes da vida são estarem sempre juntos e protegerem o teto onde moram.

Com isso em mente, a duplinha lunática cresce aprontando suas trapalhadas, mas sempre dando um jeito de preservar a casa onde vivem. O problema é que um asteroide atravessa o telhado, comprometendo a estrutura do lar. Diante desse acidente, eles são ameaçados pela associação de moradores de despejo, então decidem trabalhar para conseguirem dinheiro para o conserto do telhado.

Só que quem em sua consciência contrataria esses dois malucos? Acontece que eles conseguem empregos em uma fábrica de chicletes, onde descobrem que o asteroide trouxe uma raça alienígena que quer se misturar

Divulgação/ Paris Filmes



O filme traz uma passagem hilária para contar a infância de Patolino e Gaguinho

O destino do mundo nas mãos dos Looney Tunes

Em 'Looney Tunes - O Filme: O Dia Que A Terra Explodiu', Gaguinho e Patolino tentam impedir uma invasão alienígena

Divulgação/ Paris Filmes



Ao longo do filme, Gaguinho, Patolino e Petúnia se metem em várias confusões, incluindo uma viagem ao espaço

ao doce para dominar a mente dos humanos e conquistar a Terra. Com isso em mente, eles vão fazer de tudo para impedir que a Terra seja destruída.

Por mais simples que seja a história, esse filme merece ser visto nos cinemas. Principalmente por conta de seu visual. Ele replica a estética das animações clássicas dos personagens, dando aquele jeitão de desenho matinal, mas com as ideias insanas da atualidade.

E, sim, eles trabalham uma das versões mais divertidas e inocentes do Patolino, que passou a ser retratado de forma mais irônica nas últimas adaptações. Aqui, por outro lado, ele é um bobão de bom coração e sem muita noção. É divertidíssimo.

Já o Gaguinho tem um arco de amor envolvendo a Petúnia, seu eterno 'crush' das telinhas. Ela é uma cientista que dá essa chance a eles de trabalharem na fábrica. Por conta disso, o Gaguinho assume esse papel de irmão mais velho e responsável. Ele quer passar uma boa impressão, mesmo que isso signifique ignorar os sinais de invasão trazidos pelo Patolino.

E quando o público acha que a loucura acabou, eles conseguem trazer novas insanidades absurdamente engraçadas para a tela. Há passagens que parecem um compilado do humor clássico dos Looney Tunes, mas o filme consegue se sustentar como uma obra única e coesa.

No fim das contas, 'Looney Tunes - O Filme: O Dia Que A Terra Explodiu' é a prova de que não apenas ainda existe espaço para os Looney Tunes nas telonas, mas que também foi um grande desperdício por parte não ter feito outros filmes neste padrão para seus personagens tão icônicos.

Ah sim, vale destacar o trabalho espetacular da dublagem brasileira. Manolo Rey e Márcio Simões, que dão vida ao Gaguinho e ao Patolino, respectivamente, há algumas décadas, seguem extremamente afiados, dando uma personalidade espetacular e um bom humor a mais a esses personagens tão amados. Eles arrasam!

Por **Thales de Menezes**
(Folhapress)

Já entrou para o folclore da MPB a maneira inusitada como a dupla Antonio Adolfo e Renato Teixeira começou há dois anos a parceria que deu origem a “Combinados” - álbum que traz dez faixas com composições da dupla cantadas por convidados. A “culpa” é de Raimundo Fagner.

O cantor cearense deveria enviar uma música de Antonio Adolfo para seu habitual parceiro Fausto Nilo colocar a letra. Acabou se atrapalhando com o envio digital e, sem querer, despachou a música para Renato Teixeira. Apesar da longa carreira de ambos, Adolfo e Teixeira não se conheciam.

“Quando eu recebi a música e descobri o equívoco, liguei para o Antonio Adolfo para deixá-lo totalmente à vontade. E ele disse: ‘A gente pode aproveitar e fazer umas coisas juntos, né?’. E assim começou”, conta o autor de “Romaria”. O trabalho foi inicialmente remoto. “A gente só se conheceu pessoalmente depois que a parceria já tinha umas cinco ou seis músicas. Fui ao Rio encontrá-lo”, revela Teixeira.

E a dupla fez um trabalho intenso nos últimos dois anos. Eles têm praticamente pronto um segundo álbum, faltando apenas duas ou três músicas. “Fizemos quase 40 músicas nesses dois anos. Uma loucura! É que o Renato parece uma cachoeira, da qual não para de sair versos”, brinca Adolfo.

O pianista e compositor revela que encarou um desafio nesse período. Ele nunca tinha feito música para uma letra já pronta. “Sempre escrevi música para alguém colocar a letra. O Renato tem uma facilidade incrível para escrever. Ficava mandando e eu tinha que correr com as músicas. Eu andei por novos caminhos nesse processo.”

Tanto material assim poderia indicar que Teixeira tem um baú em casa com algumas letras esperando melodias, mas ele rebate. “Eu não tenho nenhuma letra guardada. Gravamos muitas porque escrevo com facilidade, pode vir a inspi-



Leonardo Rodrigues/Divulgação



Fagner ladeado por Antonio Adolfo e Renato Teixeira. Uma mensagem enviada por engano pelo cearense fez nascer uma parceria de peso na cena musical brasileira no álbum ‘Combinados’

Uma parceria do acaso

Renato Teixeira se une a Antonio Adolfo em disco criado após uma gafe de Fagner

ração a qualquer hora, em qualquer lugar. Fiz uma letra na praia, em Fernando de Noronha, e mandei pelo celular para o Antonio, e ele também estava numa praia!”

A dupla explica o processo. Quando a música fica pronta, é enviada para o maestro Mauricio Novaes, que faz o arranjo e passa para o piano. A partir daí a dupla escolhe quem convidar para cantar.

“Combinados” tem nomes como Zeca Baleiro (em dueto com Teixeira em “Catador de Rimas”), Elba Ramalho (“Cantadores Foliões”), Pedro Mariano (“Futuros Antepassados”), Oswaldo Montenegro (“A Casa da Minha Avó”, outro dueto com Teixeira) e as filhas de Adolfo, Carol Saboia (“Navega Navegante”) e Lu Saboia (“Saudade Sem Fundo”). E alguns foram escolhidos antes da criação da música.

“O Antonio Adolfo falou para mim: ‘Vamos fazer uma para a Alaíde Costa?’ Aí eu já fiz a letra pensando na dicção da Alaíde. E o Antonio também a conhece muito bem, fez uma melodia adequada. Tanto eu quanto o Antonio Adolfo temos acesso a grandes cantores brasileiros. Então a gente se dá ao

luxo de fazer essas escolhas”, admite Teixeira

Segundo Adolfo, todos abraçaram o projeto. “Um ou outro teve problema de agenda, coisas assim. A Claudette Soares não conseguiu participar deste, mas já está com sua música pronta para o segundo disco.” Teixeira destaca que eles também fizeram uma música especialmente para ela. “E Claudette está cantando maravilhosamente bem.”

Sobre uma das faixas, Teixeira diz que depois de pronta a música praticamente exigiu seu intérprete. “Quando a gente fez ‘Caramelo’, o Antonio Adolfo falou: ‘Isso é Simoninha!’. A letra fala de cachorros, segundo Adolfo uma paixão do cantor. “Encaixou bem demais, porque ele adora cachorros. Fizemos uma live há pouco tempo, can-

tando essa, cercados de caramelos, de vira-latas.”

O pianista lembra que sua ligação com Simoninha é antiga. “O pai dele gravou músicas minhas. Eu conheço o Simoninha desde que ele tinha meses de idade. E o disco tem também o filho da Elis, o Pedro Mariano. E minhas filhas abrem e fecham o disco. Essa geração mais nova está conosco.” Aí se encaixam também Anna Setton (“Esperando por Você”) e Roberta Campos (“O Tempo Cuidará de Tudo”).

A dupla acredita que o álbum contempla muitas faces da MPB. “Eu sempre me dei bem com parceiros, tocava com todo mundo” conta Adolfo, “Gravava com a Elis, depois com o Sidney Magal. Eu fui músico de estúdio, encarava todas as variações da MPB. Cada praia musical tem a sua verdade, a sua beleza.”

Já fechando o segundo álbum e pensando em um show de piano e voz, a dupla segue em harmonia. Teixeira elogia o parceiro: “Antonio Adolfo tem três escolas de música no Rio de Janeiro. Há décadas ensinando a tocar. Esse álbum retoma a MPB”.

Por Affonso Nunes

Uma celebração ao *jazz latino*

Baterista Roberto Rutigliano e banda revisitam clássicos do estilo no Blue Note Rio nesta quinta

Ana Migliari/Divulgação



Radicado no Brasil há 30 anos, Roberto Rutigliano é uma das referências do jazz latino no país

O baterista argentino Roberto Rutigliano retorna ao Blue Note Rio com a força rítmica que marca sua trajetória desde o final dos anos 1980, quando iniciou no Brasil uma pesquisa consistente sobre os encontros entre o jazz e a música latino-americana. A fusão entre os dois universos, que moldou a sonoridade dos discos do grupo Xekerê e do projeto Rio Latin Jazz, está no centro do repertório de seu show “Vida Mía” nesta quinta-feira (24).

Radicado no Brasil há mais de três décadas, Rutigliano se firmou como nome de referência do Latin Jazz em nossa cena musical. O músico construiu uma discografia que valoriza os diálogos entre a tradição percussiva da América Latina e a liberdade harmônica do jazz, como se ouve em álbuns autorais como “Vida Mía”, lançado recentemente.

Formado em música pela Universidad Nacional de Rosario, Rutigliano passou por experiências com música erudita e popular antes de se aprofundar no jazz. No Brasil, foi aluno de Pascoal Meirelles e atuou ao lado de músicos como Victor Biglione, Cliff Korman, Mauro Senise e Idriss Boudrioua. Ao longo da

carreira, dividiu palcos e estúdios com artistas de diversas vertentes, sempre preservando uma escuta atenta às raízes afro-latino-ame-

ricanas. Sua linguagem rítmica, marcada pela precisão, dialoga com múltiplas influências sem abrir mão da identidade própria.

No palco, Rutigliano será acompanhado por um time de músicos com ampla experiência na cena instrumental: Vanessa Rodrigues (piano), Adrian Barbet (baixo), Zé Maria (sax), Joe Pepe (trompete), Didac Tiago e Cesinha (percussão). O repertório transita por clássicos como “Mambo Inn”, “Bésame Mucho” e peças emblemáticas do tango, entre elas “El Día Que Me Quieras”, de Carlos Gardel, e uma releitura especial de “Vida Mía”, de Osvaldo Fresedo.

Nascido nos Estados Unidos na década de 1940, o Latin Jazz é fruto do encontro entre músicos como Dizzy Gillespie, Chano Pozo e Mario Bauzá. Nos anos 1970, nomes como Mongo Santamaría e Eddie Palmieri renovaram o gênero a partir da cena nova-iorquina, conectada ao movimento da salsa. Em Cuba, artistas como Emiliano Salvador e Chucho Valdés desenvolveram obras marcantes com grupos como o Irakere, aprofundando a fusão entre o jazz e os ritmos afro-cubanos.

SERVIÇO

VIDA MÍA

Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 – Copacabana)

24/4, às 22h30

Ingressos a partir de R\$ 60

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Coroando nova fase

O cantor e compositor Sávio lança nesta quinta-feira (24) o single “Foz”, nova faixa de sua fase artística. Com lirismo delicado e sonoridade luminosa, a canção é um ensaio sobre os prazeres cotidianos e a entrega plena aos sentimentos. O Ijexá conduz a batida, enquanto a viola de nylon e os batusques eletrônicos criam uma atmosfera refrescante e envolvente. No fim da faixa, a participação de Kim Cortuah e um coro infantil evocam a pureza de quem se permite sentir com inteireza — como um rio que encontra o mar.

Divulgação



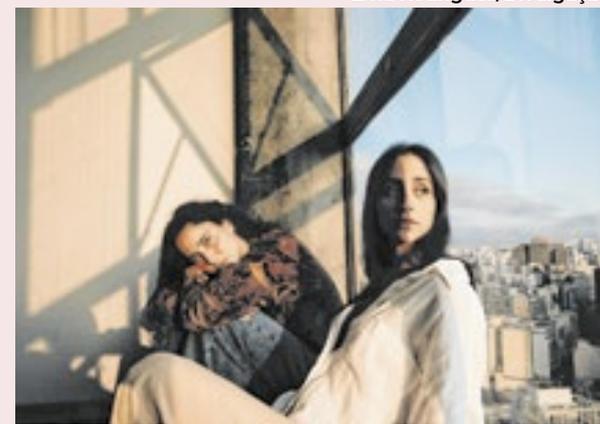
Divulgação



Samba além das rodas

Celebrando uma década de trajetória, o SIBC – Samba Independente dos Bons Costumes – lança o single “A Gente É Tão Foda”, que chega às plataformas digitais no dia 25 de abril. A faixa, um pagode romântico nas vozes de Vandro Augusto e Ana Bispo, exalta os encontros que nascem nas rodas de samba e já caiu no gosto do público que frequenta as quintas-feiras da Fundação Progresso. A canção antecipa o clima afetivo e popular do EP de inéditas que o grupo prepara. “É uma realização poder levar nossa música para além da roda”, afirma Vandro Augusto.

Livia Rodrigues/Divulgação



Conexão espontânea

Nesta quinta-feira (24) Mariana Nolasco lança “Do Raso ao Fundo”, em colaboração com a cantora portuguesa Maro. A canção, que será acompanhada de clipe, inaugura uma nova fase musical da brasileira. A composição, assinada por Mariana, Deco Martins, Mateus Melo e Bia Marques, mistura eletrônicos suaves, sintetizadores e violão, criando uma atmosfera íntima e densa. A parceria entre Mariana e Maro surge de maneira orgânica. “Foi um presente tê-la nessa canção”, diz Mariana, que destaca a conexão espontânea entre as duas, não só nas vozes, mas na energia do projeto.